

MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
DECEX - DEPA
COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO
(Casa de Thomaz Coelho / 1889)
CONCURSO DE ADMISSÃO AO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO 2017/2018
PROVA DE PORTUGUÊS
22 DE OUTUBRO DE 2017



INSTRUÇÕES AOS CANDIDATOS

01. Esta prova contém 20 (vinte) questões objetivas, distribuídas em 15 (quinze) páginas, incluindo a capa e a proposta de redação, mais a folha de rascunho.
02. A prova tem duração de 3 (três) horas.
03. Nos primeiros 15 (quinze) minutos, é permitido dirigir-se ao fiscal para esclarecimento de eventuais dúvidas de impressão da prova.
04. No **cartão de respostas**, CONFIRA seu nome, número de inscrição e o ano de ensino; em seguida, assine-o.
05. Para o correto preenchimento do cartão de respostas, observe o exemplo:
00. Qual o nome da capital do Brasil?

- (A) Porto Alegre
- (B) Fortaleza
- (C) Cuiabá
- (D) Brasília
- (E) Manaus

Como você sabe, a opção correta é D. Marca-se a resposta da seguinte maneira:

00



A



B



C



D



E

06. As marcações deverão ser feitas, obrigatoriamente, com caneta esferográfica **azul** ou **preta**.
07. **Não serão consideradas marcações rasuradas.** Faça como no modelo acima, preenchendo todo o interior do círculo, sem ultrapassar os seus limites. **Não faça um X** como marcação.
08. Ao término da prova, entregue ao fiscal o cartão de resposta e a folha de redação, incluindo o rascunho.
09. É permitido deixar o local somente após decorridos 45 (quarenta e cinco) minutos do início da prova.
10. Somente poderá levar o caderno de questões o candidato que permanecer até o término da prova.
11. Aguarde a ordem para iniciar a prova.

Boa prova! Zum Zaravalho!

Carlos Drummond de Andrade, em um poema intitulado "Nota social", criou um eu lírico melancólico que anda pela cidade cheia/vazia e diz, por fim: "canta uma cigarra / canta uma cigarra que ninguém ouve / um hino que ninguém aplaude". Hoje talvez ele completasse que se ouviria, sim, a cigarra, que se aplaudiria, sim, o hino se os áudios tivessem sido compartilhados, por exemplo, no WhatsApp ou no Facebook.

O celular vem-se tornando onipresente como extensão do corpo, como se dele dependesse a própria vida. Até que ponto estabelecemos uma relação saudável com esse, na verdade, aparelho eletrônico? O que inicialmente serviria como telefone portátil para facilitar a troca de mensagens parece ter virado, em muitos momentos, o contrário: o responsável pela comunicação truncada. Viramos seres solitários, que teclam com dezenas de pessoas ao mesmo tempo, mas que vêm perdendo, gradativamente, a capacidade de desligar o artefato tecnológico de múltiplas possibilidades de uso.

Convidamos você, candidato, para mergulhar agora num universo de leituras e análises reflexivas sobre o modo como os smartphones entraram nas nossas vidas e os impactos provocados por eles nas relações interpessoais, acadêmicas e profissionais.

Boa prova!

TEXTO I

Só o homem entediado terá chance de salvação num futuro de smartphones

João Pereira Coutinho

1	Assisto a conferências e a moda não engana: metade da sala (no mínimo) está
.	com a cabeça enfiada em smartphones. Como seriam as conferências antigamente? O
.	que fazia a audiência enquanto alguém falava no palanque?
.	Provavelmente, escutava. Ou dormia. Ou dormia e escutava, em intervalos
5	saudáveis.
.	Hoje, ninguém dorme. Duvido que alguém escute. O smartphone é o inimigo do
.	tédio, ou da reflexão, proporcionando uma festa permanente.
.	Este seria o momento ideal para eu vestir a toga ¹ do moralista vulgar, lançando
10	raios homéricos sobre a nefasta ² tecnologia. A data, aliás, seria a mais apropriada: o
.	iPhone nasceu dez anos atrás e o dilúvio começou.
.	Infelizmente, não posso pregar. Eu também faço parte do clube que prefere o
.	smartphone ao velho e bom cochilo.
.	Especialistas diversos gostam de explicar a compulsão. É como uma droga, dizem
15	eles: quando espreitamos ³ as mensagens, o e-mail, as redes sociais, procuramos uma
.	espécie de recompensa neurobiológica muito semelhante a um viciado.
.	O problema se agrava quando somos privados da nossa dose – e eu sei, o leitor
.	sabe, todos sabemos dessa miserável privação.
.	Tempos atrás, esqueci-me do celular em casa e parti em viagem. Quando dei conta
20	do estrago, uma inquietude foi crescendo com o passar das horas.
.	Ainda pensei em pedir ao companheiro do lado para me emprestar o smartphone
.	dele. Só para eu ler as minhas mensagens. Ou até, sei lá, as mensagens dele. Qualquer
.	coisa servia. Eu era como alguns alcoólatras que, na ausência de bebidas legais,
.	começam a despejar perfume pela goela.
.	Controlei-me. Telefonei para casa – de um telefone fixo, entenda – e pedi, com um
25	último fôlego, que me lessem as novidades. Nenhuma delas era urgente, sequer
.	interessante. Mas o corpo sossegou e mergulhou naquele estranho torpor ⁴ que Thomas
.	de Quincey relatou nas suas "Confissões de um Comedor de Ópio ⁵ ". Como se chegou
.	até aqui?
.	Verdade: o tédio sempre foi o grande terror dos homens modernos. Ter no bolso
30	um aparelho que garante distração permanente é a melhor forma de afastar o fantasma.

.	Acontece que o tédio tem as suas vantagens. O filósofo Mark Kingwell tem escrito sobre a matéria (...) Só o tédio, escreve ele, é capaz de sinalizar a existência de um problema entre nós e o mundo. O tédio é a "suspensão da suspensão" em que vivemos – uma forma terapêutica, e até brutal, de olharmos para a realidade sem fugas. E de agirmos em conformidade.
35	Quando abolimos o tédio, e o "dom da escuta" que só ele oferece, desaparece uma parte da nossa humanidade – aquela parte que reflete, imagina ou cria. E que problematiza, critica, propõe.
.	No futuro, não será apenas a audiência que estará mergulhada nas telas dos smartphones. Também suspeito que os próprios conferencistas, privados de pensar e sem nada para dizer, terão o mesmo comportamento.
40	Imagino um encontro de silêncios, onde todos os presentes estarão ausentes – e só o homem entediado terá chance de salvação.
.	Disponível em < http://www1.folha.uol.com.br/colunas/joaopereiracoutinho/2017/06/1897093-so-o-homem-entediado-tera-chance-de-salvacao-num-futuro-de-smartphones.shtml >. Último acesso em 06 de julho de 2017. (Adaptado).

VOCABULÁRIO:

1. Toga – traje preto e comprido, usado por advogados e por professores catedráticos e doutorados em ocasiões especiais.
2. Nefasto – nocivo, prejudicial, perverso, trágico, mau.
3. Espreitar – espiar, olhar demorada e fixamente.
4. Torpor – indiferença ou apatia moral; indolência, prostração.
5. Ópio – narcótico, droga que provoca adormecimento.

I. Sobre o texto I, responda às questões de 01 a 06.

1. De acordo com a reflexão de João Pereira Coutinho,
 - (A) desde o início da humanidade, o tédio assusta e aterroriza quem o sente.
 - (B) desde o advento dos celulares, ninguém sente mais tédio.
 - (C) para os pensadores, o tédio faz mais mal do que bem ao ser humano.
 - (D) é fundamental evitar o tédio para não se cair em depressão.
 - (E) o tédio é uma sensação necessária para o desenvolvimento das pessoas.

2. Coutinho traz uma reflexão crítica sobre o uso dos smartphones. Em sua visão, de todas as informações abaixo uma não está em consonância com o que ele afirma. Marque-a.
 - (A) Os smartphones seduzem os usuários.
 - (B) Os smartphones apoderam-se do tempo dos usuários.
 - (C) Os smartphones impingem necessidades aos usuários.
 - (D) Os smartphones proporcionam comedimento aos usuários.
 - (E) Os smartphones privam os usuários de atenção ao exterior.

3. Ao longo do texto I, o autor relata um episódio segundo o qual, saindo em viagem, teria ficado sem seu celular. Esse evento provocou nele
- (A) fobia do desconhecido.
 - (B) crise de abstinência.
 - (C) experiência de liberdade.
 - (D) sensação de sobriedade.
 - (E) ação de recolhimento.
4. Considere o fragmento: “Infelizmente, não posso pregar. Eu também faço parte do clube que prefere o smartphone ao velho e bom cochilo.” (l. 11-12). Para que se estabeleça uma relação coesiva explícita entre os períodos, que conectivo poderia figurar entre eles sem perda de sentido original?
- (A) porque
 - (B) no entanto
 - (C) enquanto
 - (D) conquanto
 - (E) caso
5. O texto I, de João Pereira Coutinho, é uma crônica. Enquadra-se afinado, pois, tanto com os gêneros jornalísticos quanto com os artísticos. Em relação às especificidades destes últimos, cronistas costumam-se valer de recursos estilísticos que enriqueçam seu texto. Indique a alternativa que demonstra adequada associação entre exemplo destacado e recurso utilizado na crônica.
- (A) “É como uma droga, dizem eles: quando espreitamos as mensagens, o e-mail, as redes sociais, procuramos uma espécie de recompensa neurobiológica muito semelhante a um viciado.” (l.13-15) – metonímia.
 - (B) “O problema se agrava quando somos privados da nossa dose – e eu sei, o leitor sabe, todos sabemos dessa miserável privação.” (l.16-17) – gradação decrescente.
 - (C) “Eu era como alguns alcoólatras que, na ausência de bebidas legais, começam a despejar perfume pela goela.” (l.22-23) – hipérbole.
 - (D) “Ter no bolso um aparelho que garante distração permanente é a melhor forma de afastar o fantasma.” (l.29-30) – eufemismo.
 - (E) “Imagino um encontro de silêncios, onde todos os presentes estarão ausentes – e só o homem entediado terá chance de salvação.” (l.42-43) – paradoxo.
6. O autor do texto I escreve sua crônica praticamente toda de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa. Um exemplo claro é a regência do verbo assistir, adequadamente aplicada na frase transcrita abaixo:
- “Assisto a conferências e a moda não engana”. (l. 1)
- Marque a única opção que obedece à norma padrão quanto à regência verbal ou nominal nas frases que seguem.
- (A) Consumidores preferem mais smartphones do que celulares convencionais.
 - (B) Hoje todas as músicas que as pessoas gostam podem ser acessadas no celular, por exemplo, pelo Spotify.
 - (C) Os smartphones também são usados para assistir vídeos no Youtube.
 - (D) O medo ao tédio leva muitas pessoas a se manterem conectadas todo o tempo em que estão acordadas.
 - (E) Hoje professores pedem constantemente a seus alunos que deixem o celular e participem das aulas.

TEXTO II

Fiu-fiu

Luis Fernando Veríssimo

Existe coisa mais melancólica do que uma mesa de quatro pessoas, num restaurante, em que três estão dedilhando seus smartphones e uma está falando sozinha?

1	Lançaram agora um celular à prova d'água, que você pode usar no chuveiro. Ou
.	em qualquer outro lugar embaixo d'água. No mar, por exemplo.
.	– Bem, não me espere para o jantar...
.	– Onde você está?
5	– Sabe a nossa pesca submarina?
.	– O que houve?
.	– Pensei que fosse uma garoupa e era um tubarão. E ele está vindo na minha
.	direção.
.	– Você ainda está embaixo d'água?!
10	– Estou.
.	– E o seu arpão?
.	– O tubarão engoliu!
.	– Ligue para a Guarda Costeira!
.	São cada vez mais raros os lugares em que você pode se ver livre de celulares,
15	e agora nem as piscinas estão seguras.
.	Os celulares são práticos e se tornaram indispensáveis, eu sei, mas
.	empobreceram a vida social. Existe coisa mais melancólica do que uma mesa de quatro
.	pessoas, num restaurante, em que três estão dedilhando seus smartphones e uma está
20	falando sozinha? Ou um casal em outra mesa, os dois mergulhados nos respectivos
.	celulares sem nem se olharem, o que dirá se falarem – a não ser que estejam trocando
.	mensagens silenciosas entre si, o que é ainda mais triste.
.	Os celulares podem ser perigosos de várias maneiras, mesmo que não derretam
.	o cérebro, como se andou espalhando há algum tempo. Imagino uma velhinha que
.	ganhou um celular dos netos sem que estes se dessem ao trabalho de explicar seu
25	funcionamento para a vovó. Não contaram, por exemplo, que o celular dado assobia
.	quando recebe uma mensagem. É um assovio humano, um nítido fiu-fiu avisando que
.	alguém ligou, e que pode soar a qualquer hora do dia ou da noite. E imagino a vovó, que
.	mora sozinha, dormindo e, de repente, acordando com o assovio. Um fiu-fiu no meio da
.	noite! A vovó, se não morrer imediatamente do coração, pode ficar apavorada. Quem
30	está lá? Um ladrão ou um fantasma assoviador? E o assovio tem algo de galante. A vovó
.	pode muito bem sair da cama, sem saber se está acordada ou sonhando, e caminhar na
.	direção do fiu-fiu sedutor, como se tivessem vindo buscá-la. Alguém pensou nas vovós
.	solitárias quando inventou o assovio?
.	O fato é que não há mais refúgio. Nem castelos anti-smartphones com um fosso
35	em volta. Eles agora podem atravessar o fosso.
<p>Jornal <i>O Globo</i>, 03/08/2014. Disponível em <https://oglobo.globo.com/opiniaofiu-fiu-13464128>. Último acesso em 30 de setembro de 2017.</p>	

II. Sobre os textos I e II, responda à questão 07.

7. Os textos I e II tratam os smartphones como os itens da contemporaneidade que têm levado as pessoas em geral a lidar (ou a não saberem lidar) com o hábito cotidiano.

Que fragmento do texto II pode servir de exemplo para a seguinte reflexão retirada do texto I: “Imagino um encontro de silêncios, onde todos os presentes estarão ausentes” (I.42)?

- (A) “– Pensei que fosse uma garoupa e era um tubarão. E ele está vindo na minha direção. – Você ainda está embaixo d’água?!” (I.7-9)
- (B) “São cada vez mais raros os lugares em que você pode se ver livre de celulares, e agora nem as piscinas estão seguras.” (I.14-15)
- (C) “Existe coisa mais melancólica do que uma mesa de quatro pessoas, num restaurante, em que três estão dedilhando seus smartphones e uma está falando sozinha?” (I.17-19)
- (D) “E imagino a vovó, que mora sozinha, dormindo e, de repente, acordando com o assovio. Um fiu-fiu no meio da noite!” (I.27-29)
- (E) “O fato é que não há mais refúgio. Nem castelos anti-smartphones com um fosso em volta.” (I.34-35)

III. Sobre o texto II, responda às questões de 08 a 10.

8. Marque a alternativa que expressa relação inadequada entre o conectivo destacado e o valor semântico que ele denota.

- (A) “Existe coisa mais melancólica **do que** uma mesa de quatro pessoas, num restaurante, em que três estão dedilhando seus smartphones e uma está falando sozinha?” (I.17-18) – comparação
- (B) “– Pensei que fosse uma garoupa **e** era um tubarão. (I.7)” – adição
- (C) “(...) o que dirá se falarem — **a não ser que** estejam trocando mensagens silenciosas entre si, o que é ainda mais triste.” (I.20-21) – ressalva
- (D) “Os celulares podem ser perigosos de várias maneiras, **mesmo que** não derretam o cérebro, como se andou espalhando há algum tempo.” (I.22-23) – concessão
- (E) “Os celulares podem ser perigosos de várias maneiras, mesmo que não derretam o cérebro, **como** se andou espalhando há algum tempo.” (I.22-23) – conformidade

9. O termo “fiu-fiu” aparece três vezes no penúltimo parágrafo do texto. Que recurso estilístico ele representa e que funções sintáticas assume nas três ocorrências, respectivamente?

- (A) Onomatopeia; núcleo do sujeito, parte de frase nominal, núcleo do complemento nominal.
- (B) Prosopopeia; núcleo do aposto, núcleo do sujeito, núcleo do adjunto adnominal.
- (C) Interjeição; núcleo do sujeito, parte de frase nominal, núcleo do adjunto adnominal.
- (D) Metonímia; núcleo do aposto, núcleo do sujeito, núcleo do complemento nominal.
- (E) Eufemismo; núcleo do sujeito, núcleo do objeto direto, núcleo do adjunto adnominal.

10. Na crônica de Veríssimo, o título chama a atenção para uma expressão, usada ao final, em uma exemplificação que
- (A) não tem qualquer relação com a argumentação, já que não está entre os aspectos negativos ligados ao uso dos celulares.
- (B) apoia a argumentação do autor: velhinhas costumam não reconhecer o toque do celular.
- (C) dá suporte à argumentação, mostrando que os celulares podem causar problemas.
- (D) poderia ser descartada, já que não tem relação com as ideias de solidão e indiferença, marcadas antes no texto.
- (E) apoia a ideia de que, apesar de imprescindíveis na vida moderna, devemos ter cuidado com os celulares nas mãos de idosos.

TEXTO III**O celular que escraviza**

*Eles roubam nosso tempo, atrapalham os relacionamentos e podem até causar acidentes de trânsito.
Quando é a hora de desligar?*

1	Estamos viciados. Em qualquer lugar, a qualquer momento do dia, não conseguimos deixar de lado o objeto de nossa dependência. Dormimos ao lado dele, acordamos com ele, o levamos para o banheiro e para o café da manhã – e, se, por enorme azar, o esquecemos em casa ao sair, voltamos correndo. Somos incapazes de
5	ficar mais de um minuto sem olhar para ele. É através dele que nos conectamos com o mundo, com os amigos, com o trabalho. Sabemos da vida de todos e informamos a todos o que acontece por meio dele. Os neurocientistas dizem que ele nos fornece pequenos estímulos prazerosos dos quais nos tornamos dependentes. Somos 21 milhões – número de brasileiros com mais de 15 anos que têm smartphones, os celulares que fazem muito
10	mais que falar. Com eles, trocamos e-mails, usamos programas de GPS e navegamos em redes sociais. O tempo todo. Observe a seu redor. Em qualquer situação, as pessoas param, olham a tela do celular, dedilham uma mensagem. Enquanto conversam. Enquanto namoram. Enquanto participam de uma reunião. E – pior de tudo – até mesmo enquanto dirigem.
15	“É uma dependência difícil de eliminar”, diz o psiquiatra americano David Greenfield, diretor do Centro para Tratamento de Vício em Internet e Tecnologia, na cidade de West Hartford. “Nosso cérebro se acostuma a receber essas novidades constantemente e passa a procurar por elas a todo instante.” O pai de todos os vícios, claro, é o Facebook, maior rede social do mundo, onde publicamos notícias sobre nós
20	mesmos como se alimentássemos um grande jornal coletivo sobre a vida cotidiana. Depois dele, novas redes foram criadas e apertaram o nó da dependência. Programas de troca de fotos como o Instagram conectam milhões de pessoas por meio das imagens feitas pelas câmeras cada vez mais potentes dos celulares. Os aplicativos de trocas de mensagem, como o Whatsapp, promovem bate-papos escritos que se assemelham a
25	uma conversa na mesa do bar. O final dessa história pode ser dramático. Interagir com o aparelho – e com centenas de amigos escondidos sob a tela de cristal – tornou-se para alguns uma compulsão tão violenta que pode colocar a própria vida em risco.
30	Parece exagero? Pense na história da garota americana Taylor Sauer, de 18 anos. Em janeiro, Taylor dirigia numa rodovia interestadual que liga os Estados de Utah e Idaho quando bateu a 130 quilômetros por hora na traseira de um caminhão. Taylor trocava mensagens com um amigo sobre um time de futebol americano. Uma a cada 90 segundos. Seu último post foi: “Não posso discutir isso agora. Dirigir e escrever no Facebook não é seguro! Haha”. Se não estivesse teclando, provavelmente Taylor teria avistado o veículo à frente, que andava a meros 25 quilômetros por hora. O caso terrível
35	não é uma aberração estatística. A cada ano, 3 mil americanos morrem por causa da distração no celular, de acordo com a agência federal National Transportation Safety Board.

40	<p>No Brasil, não é diferente – pelo menos é a impressão dos profissionais que trabalham na área. “Minha experiência sugere que essa é a quarta maior causa de acidentes, só atrás do excesso de velocidade, uso de álcool e drogas e cansaço”, diz Dirceu Júnior, diretor da Associação Brasileira de Medicina de Tráfego. (...) O cérebro só faz bem uma coisa ou outra. (...) Dirigir falando ao telefone duplica o risco de um acidente.</p> <p>(...)</p>
45	<p>A sensação de estar por fora é consequência da hiperconectividade, um conceito elaborado por dois pesquisadores canadenses, Anabel Quan-Haase e Barry Wellman. Eles criaram uma teoria para explicar como vive o dono de um celular moderno. Ele pode se comunicar a partir de qualquer lugar a qualquer instante. Não há fronteiras entre ele, seus amigos e o restante do mundo – com exceção (maldição!) de locais em que o sinal</p>
50	<p>é fraco ou (pesadelo!) não chega. Um dos efeitos colaterais da hiperconectividade é ser altamente viciante. Daí a desconfiança de especialistas de que motoristas que não conseguem largar o celular enquanto dirigem são, na verdade, dependentes. Dispositivos eletrônicos como os celulares geram a sensação de prazer para o cérebro porque ele se sente recompensado a cada novidade recebida. Uma mensagem é um</p>
55	<p>pacotinho de prazer. A descarga de uma substância estimulante para nossos neurônios, a dopamina, encarrega-se de gerar a sensação agradável. O Instituto de Informação e Tecnologia de Helsinque, na Finlândia, fez um estudo para analisar quanto tempo do dia</p>
60	<p>gastamos com o hábito de verificar atualizações em busca desse barato cerebral. De acesso em acesso, somamos duas horas e 40 minutos. É o mesmo tempo gasto nos Estados Unidos com televisão e dez vezes o que se gasta com leitura. (...)</p> <p>Reportagem de Rafael Barifouse e Isabella Ayub, Revista Época, 15/06/2012. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2012/06/o-celular-que-escraviza.html>. Último acesso em 03 de outubro de 2017.</p>

IV. Sobre o texto III, responda às questões de 11 a 15.

11. No subtítulo o autor lança uma pergunta: “Quando é a hora de desligar?”. Considerando o contexto em que foi usada, trata-se de um convite à reflexão que, na prática, vai lidar com conhecimentos de mundo, envolvendo a relação do usuário com o aparelho, tais como
- (A) o desejo de cura e o encerramento das ligações.
 - (B) a noção de envolvimento e o abandono eterno.
 - (C) a abstinência de uso e o desejo de voltar a usar.
 - (D) a percepção da dependência e a necessidade de autocontrole.
 - (E) o reconhecimento do tempo perdido e a supressão da utilização.
12. Em diversas passagens do texto, o autor enreda o leitor, travando com ele um diálogo informal. Como marca notória dessa interlocução, podemos citar o uso
- (A) da primeira pessoa do plural, como em “Sabemos da vida de todos” (l. 06).
 - (B) de transcrições da fala de especialistas, como em “É uma dependência difícil de eliminar” (l. 15).
 - (C) de uma palavra denotativa de inclusão em “O pai de todos os vícios, claro, é o Facebook...” (l. 18-19).
 - (D) de frases interrogativas, como em “Parece exagero?” (l. 28).
 - (E) de afirmações categóricas, como em “O cérebro só faz bem uma coisa ou outra.” (l. 41-42)

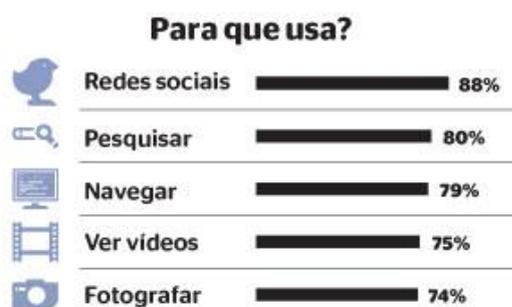
13. No trecho “O cérebro só faz bem uma coisa ou outra. (...) Dirigir falando ao telefone duplica o risco de um acidente.” (l. 41-43), a oração reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida sem mudança de sentido em
- (A) Dirigir e falar ao telefone duplica o risco de um acidente.
 - (B) Dirigir enquanto fala ao telefone duplica o risco de um acidente.
 - (C) Dirigir sem que fale ao telefone duplica o risco de um acidente.
 - (D) Dirigir ou falar ao telefone duplica o risco de um acidente.
 - (E) Dirigir e ainda falar ao telefone duplica o risco de um acidente.
14. Sobre o trecho “Dormimos ao lado dele, acordamos com ele, o levamos para o banheiro e para o café da manhã – e, se, por enorme azar, o esquecemos em casa ao sair, voltamos correndo.” (l. 2-4), pode-se afirmar que
- (A) os verbos *dormir* e *acordar* são transitivos indiretos e regem complementos introduzidos, respectivamente, pelas preposições “a” e “com”.
 - (B) foi usada, de acordo com a norma padrão, a próclise com os verbos *levar* e *esquecer*.
 - (C) as expressões “ao lado dele”, “com ele”, “para o banheiro” e “em casa” são adjuntos adverbiais.
 - (D) caso o autor optasse pela ênclise, a colocação pronominal resultaria nas formas *esquecemos-lo* e *levamos-lo*.
 - (E) a ênclise não é indicada nos dois casos em questão por causa de palavras atrativas.
15. Há várias marcas de oralidade no texto III. Escolha a opção em que o termo destacado é devidamente substituído por vocábulo ou expressão formal, presente nas reescrituras entre colchetes, sem que haja mudança de sentido.
- (A) “A sensação de estar por fora é consequência da hiperconectividade (...) (l. 45) – [A sensação de estar desligado é consequência da hiperconectividade...]
 - (B) “– com exceção (maldição!) de locais em que o sinal é fraco (...)” (l. 49-50) – [– com exceção, infelizmente, de locais em que o sinal é fraco...]
 - (C) “ou (pesadelo!) não chega.” (l. 50) – [ou (angústia pura!) não chega]
 - (D) “Uma mensagem é um pacotinho de prazer.” (l. 54-55) – [Uma mensagem é uma caixinha de surpresas]
 - (E) “(...) o hábito de verificar atualizações em busca desse barato cerebral.” (l. 58) – [(...)o hábito de verificar atualizações em busca dessa onda cerebral.]

TEXTO IV



Mania nacional

Quem são e como se comportam os brasileiros que já têm smartphone.
As estimativas sugerem que o número de hiperconectados só deve aumentar



Como usa?

63% usam enquanto ouvem música

46% usam enquanto assistem à televisão

Infográfico retirado da reportagem "O celular que escraviza", da Revista Época, 15/06/2012. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2012/06/o-celular-que-escraviza.html>>. Último acesso, 03/10/2017.

V. Sobre o texto IV, responda às questões de 16 a 18.

16. Segundo o texto IV (infográfico), em 2012, 14% da população brasileira tinha um smartphone. Quando são observadas informações como idade, sexo e renda, vê-se que
- indivíduos, entre 30 e 49 anos, e os pertencentes à classe C, eram os mais conectados.
 - a diferença percentual entre homens e mulheres era pequena, mas ainda assim significativa, considerando-se o local de uso, a finalidade e o modo de utilização.
 - os indivíduos de menor renda e os de maior renda eram os com menor acesso a smartphones, mas isso se dava, provavelmente, por razões opostas.
 - indivíduos mais velhos usavam mais o smartphone para fotografar e dentro de aeroportos.
 - homens mais jovens e de nível intermediário de renda tinham mais acesso a smartphones, ao contrário dos mais velhos e de renda mais baixa.

17. No texto IV, ao observarmos os dados sobre local, finalidade e modo de utilização dos smartphones, notamos que os percentuais deixam de ser complementares, ou seja, os valores somados não totalizam 100%. Isso se dá porque
- (A) a pesquisa considerou mais de uma possibilidade de resposta para cada quesito investigado.
 - (B) há um erro na consolidação dos dados coletados pela pesquisa.
 - (C) quem usa o aparelho enquanto ouve música, não o utiliza quando assiste à televisão.
 - (D) existem muitas finalidades possíveis e foram consolidadas apenas as 4 mais mencionadas na pesquisa pelos entrevistados.
 - (E) as pessoas podem, por exemplo, usar o smartphone para pesquisar e navegar, em casa e no trabalho, sem que, no entanto, consigam mesclar isso com música e televisão.
18. No período “As estimativas sugerem que o número de hiperconectados só deve aumentar” (texto IV), a oração sublinhada
- (A) tem papel sintático de objeto indireto e é introduzida por um pronome relativo.
 - (B) exerce a função de complemento nominal em relação à oração principal.
 - (C) exerce a função de objeto direto em relação à oração principal .
 - (D) tem papel sintático de objeto direto e é introduzida por um pronome relativo.
 - (E) tem valor gramatical de substantivo e papel sintático de sujeito.

TEXTO V



Disponível em <<http://professoraelaine81e82.blogspot.com.br/2016/09/charges-sobre-internet-atividade-iii.html>>. Acesso em 23 de agosto de 2017.

VI. Sobre o texto V, responda à questão 19.

19. Qual é a crítica presente na charge (Texto V) e como o elemento verbal é inserido?
- (A) Existe uma crítica quanto ao esfriamento das relações familiares e o elemento verbal explicita isso através de eufemismo.
 - (B) Existe uma crítica quanto à supervalorização da interação interpessoal através de novas mídias de tecnologia e o elemento verbal explicita isso através de ironia.
 - (C) Existe uma crítica quanto à supervalorização da interação interpessoal através de novas mídias de tecnologia e o elemento verbal explicita isso através de eufemismo.
 - (D) Existe uma crítica quanto ao impacto social causado pelas novas tecnologias de comunicação e informação nas relações entre os casais e o elemento verbal explicita isso através de metonímia.
 - (E) Existe uma crítica quanto ao esfriamento das relações familiares e o elemento verbal explicita isso através de ironia.

VII. Sobre todos os textos lidos até aqui, responda à questão 20.

20. Em entrevista ao jornal O Globo (04/09/2017), o brasileiro Gil Giardelli, um Web Ativista, membro do XMedia da Universidade de Stanford, disse: “há uma pesquisa global sobre varejo, e o Brasil sempre esteve entre a primeira e a terceira colocação de bom atendimento e sorriso. Nos últimos anos, caímos para as últimas posições. Em virtude da hiperconexão, estamos deixando de sorrir, de atender bem. Em média, uma pessoa com smartphone tem 120 nanotédios por dia”. Ele também explica o que são esses nanotédios: “É quando, por exemplo, a aula não está boa, você saca o celular. O jantar com a família não está bom, eu saco o celular. Toda vez que você pega o seu celular ou tablet para olhar uma mídia social, você demora de 30 a 40 segundos para entender essa transição. E depois que você fica (na mídia social), demora também para se conectar ao que estava fazendo antes. Isso tem criado uma ansiedade grande nas pessoas”.

O que Giardelli explica confirma todas as informações abaixo, EXCETO,

- (A) a ideia de que o smartphone traz uma sensação de recompensa, como explicado no texto I (linhas 13-15) e no texto III (linhas 53-56).
- (B) a crítica, presente no texto II, de que o fii-fii do celular pode matar de susto uma velhinha desavisada do som comum à chegada de mensagens.
- (C) a noção de que “O cérebro só faz bem uma coisa ou outra.” (l. 41-42), apresentada e discutida no texto III.
- (D) as estatísticas de local e finalidade de uso do smartphone apresentadas no texto IV, com destaque para: casa (96%), trabalho (82%) e restaurante (69%); redes sociais (88%).
- (E) a percepção do momento de diversão em família retratado no texto V.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A seguir, há uma sequência de textos de mesma temática que servirá como base para a sua produção textual. Leia-os, com atenção, para que primeiramente possa depreender, de forma adequada, a ideia que perpassa toda a coletânea e, em seguida, escreva um texto dissertativo argumentativo sobre o tema **“Celular em sala de aula: ferramenta útil ou problema constante?”**

TEXTO I**Aplicativo organiza fotos tiradas da lousa e auxilia nos estudos**

O app criado por estudantes de São Paulo classifica as fotos do quadro em categorias específicas

1	Com a invasão dos smartphones, o caderno acabou perdendo seu posto de ferramenta mais útil dentro da sala de aula. Agora, quando o professor lota a lousa de matéria, os alunos não pensam duas vezes antes de pegarem seus celulares e disparem cliques em direção ao quadro negro.
5	Para deixar o novo processo ainda mais fácil e organizado, um grupo de estudantes de São Paulo criou o WhiteBoard, um aplicativo que organiza as fotografias das aulas e deixa todo o conteúdo separado por categorias.
10	Quem baixar o app, que já está disponível para dispositivos do sistema IOS, poderá classificar os registros de acordo com a matéria, dia da semana e professor responsável pela disciplina. Dessa forma, ficará ainda mais simples estudar.
	O novo aplicativo é uma criação de um grupo de alunos da Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo. Eles apresentaram o projeto durante o MackMobile, uma competição que busca soluções tecnológicas para questões educacionais.
	Disponível em < http://www.meirafernandes.com.br/noticia/5691/aplicativo-organiza-fotos-e-auxilia-nos-estudos >. Acesso em 23 de agosto de 2017. (Adaptado)

TEXTO II**Estudantes trocam anotações em caderno por foto em celular**

Reportagem de Juliana Gragnani

1	Copiar a lousa? Para quê, se dá para fotografá-la? Estudantes de São Paulo usam agora um novo método para registrar a matéria ensinada pelo professor: tirar foto do quadro em vez de copiar o conteúdo à mão, no caderno. Segundo os alunos, a lousa vai para o celular quando não dá tempo de copiá-la, quando “dá preguiça” de fazer isso,
5	quando a lição é passada no fim da aula ou quando o desenho do professor é muito complexo (citam aulas de biologia e química).
10	Depois, as imagens circulam em grupos de salas no WhatsApp, aplicativo de mensagens pelo celular. O recurso é usado a partir do momento em que os jovens ganham celular e com a anuência dos professores.
15	Amanda, 16, aluna do Colégio Dante Alighieri, até criou pastas na galeria de fotos do celular com divisões por disciplinas – como “história” e “biologia” – para organizar as imagens. João Vitor, 17, do Magno, diz que esse xerox moderno ajuda a passar o foco da escrita para o professor. “Meu pai fala que, quando você escreve, aprende melhor”, diz a aluna do Colégio Bandeirantes, Gabriela, 11. “Então eu tiro foto e depois passo para o papel”.
	Psicóloga e professora da Faculdade de Educação da Unicamp, Ângela Soligo diz que não vê problema em tirar fotos da lousa, desde que o estudante se sinta

. confortável. “Muitos alunos precisam copiar para prestar atenção. Para eles, só tirar a
 . foto não é tão adequado. Outros preferem e se dão melhor prestando atenção e não se
 20 distraíndo com a cópia, daí a foto é uma vantagem”, observa.

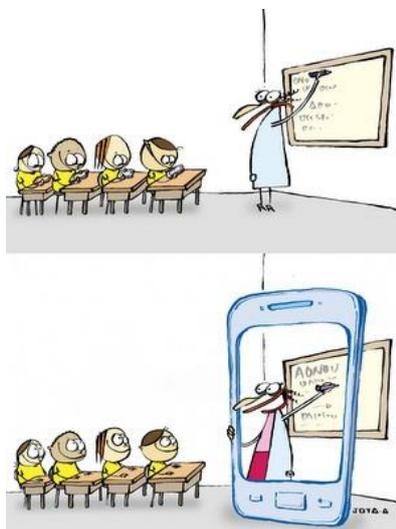
. É esse o argumento de Emerson Pereira, diretor de tecnologia educacional do
 . Colégio Bandeirantes. Ele diz que jovens assimilam o conteúdo de formas diferentes, e
 . não é papel dos educadores inibir o mecanismo adotado por eles. Para o diretor do
 . ensino médio do Móbile, Wilton Ormundo, “fotografar não faz o menor sentido”. “A lousa
 25 é uma construção de um pensamento que está sendo discutido em sala”, diz.
 . “Professores e alunos elaboram juntos um conceito. Com a foto, todo o mecanismo de
 . construção desse saber se perde”. Luciana Favorini, diretora do colégio Equipe, diz que
 . o recurso pode funcionar para um aluno que perdeu a aula, por exemplo, mas não deve
 . ser corriqueiro.

30 Um estudo da Universidade de Stanford, nos EUA, comparou a eficácia de
 . anotações feitas à mão e pelo laptop durante as aulas. Os pesquisadores concluíram
 . que a escrita era melhor para fixar o conteúdo visto em aula; ao usar o computador, os
 . participantes que foram testados só transcreviam, sem reflexão.

35 E anotar no caderno versus tirar foto da lousa? Segundo a psicóloga norte-
 . americana Pam Mueller, que coordenou a pesquisa, contar com o registro do celular no
 . fim da aula pode atrapalhar a retenção de informação. “Quando você anota, você é
 . forçado a processar a matéria”, diz. Estudantes confessam que, muitas vezes, nem
 . sequer olham o registro feito. “A gente acaba tirando foto mais para ficar com a
 . consciência limpa”, contou um aluno do 3º ano à reportagem.

Folha de São Paulo, 25 de outubro de 2015. Disponível em:
 <<http://m.folha.uol.com.br/educacao/2015/10/1698273-estudantes-trocam-anotacoes-em-cadernos-por-foto-da-lousa-no-celular.shtml>> Último acesso em 23 de agosto de 2017. (Adaptado)

TEXTO III



Disponível em:
 <http://s2.glbimg.com/Dh55RgJ3MSI4mVy001VCFb0iRR0=/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2014/06/09/jose_antonio_costa.jpg>. Último acesso em 23 de agosto de 2017.

ATENÇÃO:

- ✓ A redação que apresentar cópia dos textos presentes na prova terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.
- ✓ A ocorrência de qualquer das situações a seguir implica atribuição de nota ZERO à redação:
 - textos com até 7 (sete) linhas;
 - fuga ao tema ou ao tipo dissertativo argumentativo;
 - existência de parte deliberada, desconectada do tema proposto.

RASCUNHO

1

5

10

15

20

25

RASCUNHO